

Samba: um elemento de resistência no espaço entre identidades culturais

Mônica Fogaça
Colégio Marista Arquidiocesano

Introdução

O presente relato de experiência apresenta a trajetória desenvolvida em um curso para alunos do Ensino Médio de uma escola privada, acerca da prática cultural do samba e de sua relação com a identidade negra. Ao fazer valer as normativas colocadas pela Lei 10.639, o curso teve por objetivo a desconstrução de representações hegemônica acerca da cultura negra e seus sujeitos a fim de proporcionar o reconhecimento e a valorização de ambos.

O samba é um modo de afirmação dessa cultura e de resistência às diversas opressões sofridas pelos povos negros da África e seus descendentes. Saber ouvir, dançar e cantar o samba com a possibilidade de enxergar os grupos sociais participantes da sua constituição histórica e de refletir acerca das lutas que estiveram presentes durante a criação hibridizada desse produto cultural é um forma de conhecer, valorizar e de participar dessa prática social da cultura afrodescendente.

Ancorada nos pressupostos produzidos no campo dos Estudos Culturais, o curso foi elaborado a partir de pesquisa documental em diversos suportes textuais (teses, dissertações, documentários) e de algumas etnografias com sujeitos participantes das rodas de samba. Como toda prática no campo é também uma intervenção política, pretendeu-se ampliar o conhecimento dos sujeitos participantes mediante a sensibilização e valorização desse ritual por meio de atividades interativas tanto em sala de aula como em pesquisas para além da sala de aula para que tivessem uma atuação mais solidária para com as diferenças.

Assim, o curso teve por metas: (a) compreender as características da prática coletiva do samba tradicional (fim do século XIX à década de 1930) e das alterações sofridas nas décadas posteriores até o presente; (b) relacionar as características da prática do samba a algumas das influências de seus respectivos contextos históricos; (c) sensibilizar as pessoas para o atendimento desigual às diferentes identidades culturais (foco na identidade do negro, do empobrecido e da religiosidade do candomblé/umbanda); (d) oportunizar vivências da prática do samba de acordo com sua concepção

de participação coletiva, integradora da comunidade, com o corpo total (canto, instrumento, dança, vestuário, valores/ crenças); (e) desenvolver a educação da linguagem musical- estética da escuta das estruturas características do gênero e da produção das improvisações.

Trajetória

O Colégio Marista Aquidiocesano oferece aos alunos de todas as séries do Ensino Médio a possibilidade de completar a grade horária oficial determinada pelas Diretrizes Curriculares para este nível de ensino mediante a participação em cursos anti-disciplinares. Denominado de “Projeto Escolha”, ao longo de cada ano, os alunos podem optar por um curso em cada trimestre (total de 3 por ano), com duração de 4 aulas de uma hora e meia cada. Realizadas no contra turno, os cursos podem ser ofertados por qualquer pessoa interessada (professor, pais, funcionários, ex-alunos e outros) e terem temas diversos. Apesar da obrigatoriedade da participação, a lista de opções faz com que os alunos possam fazer escolhas com maior grau de identificação. O número de alunos é limitado a vinte por turma e não é seriado.

Realizei dois cursos com grupos de alunos diferentes. O que está aqui relatado é uma síntese dos aspectos que julgo ser relevante para a melhor compreensão do processo, seus pontos de dissenso, resistência e desconstrução - visto que a construção do segundo curso teve modificações em função da escuta das vozes dos alunos que frequentaram o primeiro e ambos tiveram como pressuposto para a construção dos planos de aula a abertura ao inusitado. Ou seja, apesar de suas metas, cada curso seguiu trilhas diferentes em função das problematizações ocorridas aula a aula.

A primeira aula teve como tema: O que é samba? Foram realizadas seis atividades. A primeira visou mapear as significações dos alunos sobre o artefato e apresentação das intenções para com o curso. Para isso, recorri a alguns elementos próprios do samba. Isto é, foi criado um cenário, caracterizando os espaços sociais das rodas de samba, bem como pus para tocar um *pout-porri* de músicas. Algumas perguntas tais como por que vieram a esse curso? O que conhecem a respeito do samba? Alguém sabe dançar, tocar algum instrumento entre outras, compuseram a ação. Dentre as respostas produzidas pelo primeiro grupo, destaco as corporais: alguns alunos deitaram-se no chão ou colocavam seus corpos largados nas cadeiras e bancadas, com sono e sem nenhum interesse pela música que estava tocando. Ninguém batucava, cantava ou dançava. Parece que não conheciam o gênero. As respostas orais giraram em

torno de o horário ser o melhor, por o nome ser diferente. Algumas meninas queriam dançar, outros diziam que parecia o curso menos chato perto dos outros, o mais dinâmico. Não teriam que escrever, falariam de música, dançariam, cantariam. Ninguém abordou a segunda metade do nome do curso e quando questionei não sabiam do que se tratava. Só prestaram atenção ao nome samba. Pode ser também porque samba evoca hegemonicamente ficar a toa, ser vagabundo, malandro. Ou talvez porque é o Outro exótico que atrai como curiosidade, mas não para se envolver de fato. Perguntei se gostavam de samba, quais músicas, compositores, cantores, grupos conheciam? Ninguém soube citar nada. Dois comentaram que os pais ouviam e eles *en passant* não ligavam de ouvir. Parecia que até tinham receio de dizer que conheciam ou gostavam de algum.

Em relação ao segundo grupo, percebo mudanças. Vários citaram o aspecto do racismo, da injustiça social. Pareciam já estar de algum modo familiarizados com o que aconteceria ali. Mais adiante, identifiquei uma aluna que fazia o curso pela segunda vez e duas que foram indicadas por uma colega da primeira turma.

Após a apresentação da proposta do curso e de suas regras (obrigatoriedade de produção de relatório, a proibição do plágio, número de faltas, valor das avaliações e ritual das aulas: cantar, tocar, fazer análises e criar pequenos produtos a cada aula), avisei também que não sabia dançar samba. No segundo curso, procurei uma colega para auxiliar nesse aspecto.

Um dado interessante e que muito contribuiu com o desenrolar das atividades foi a presença voluntária de um funcionário da escola nas duas versões do curso, que pediu para participar porque ficou interessado pelo título. Ele é negro e ativista em movimentos para afirmação da identidade negra. Quanto ao tema do dia, expliquei que a resposta seria dada na forma das cinco linguagens que caracterizam o samba: musical, textual, social, corporal e religiosa.

Na segunda atividade propus que ouvissem vários sambas de características diferentes e identificassem o que eles têm em comum para serem samba. Enquanto alguns ficaram conversando e não se atentaram às músicas, outros responderam: - batuque, ritmo e os instrumentos. Indaguei: mas todas as músicas têm ritmo, o que há de especial com o ritmo? E com os instrumentos? – É lenta (a última) – Não, tem uma que é rápida. - Usa pandeiro e cavaquinho. Em geral, não conseguiram lembrar mais nenhum nome e nem conseguiram identificar as músicas.

Pedi que usassem as mãos e pés para sentirem o ritmo da música. Todos ficaram muito quietos e duros, com o corpo largado e inerte na cadeira. Decididamente, não sabiam como buscar o ritmo, sentir a música. Afirmaram ainda que não sabiam tocar nada

Na terceira atividade, apresentei a linguagem musical e a corporal. Para iniciar o trabalho, expliquei algumas figuras musicais como as semicolcheias e depois a colcheia mediante exercícios de leitura das notas musicais com o bater de palmas, pés, com movimentação pela sala e com o canto. Apresentei e expliquei a síncopa¹. Treinamos e tentamos encontrá-la em algumas das músicas que escutamos. Precisaram de ajuda em todas. Pedi que prestassem atenção ao corpo enquanto tocavam e cantavam. Alguns se soltaram e perceberam que o corpo mexe, mas não em que momento. Mostrei o espaço vazio na síncopa e como ela puxa o corpo para preenchê-lo. Expliquei que era um ritual que soltava o corpo e que era importante eles fazerem isso, talvez tirando o sapato. Foi bastante interessante perceber nesta e nas próximas aulas como eles ampliaram a percepção musical e como ficavam atentos à investigação da síncopa nas músicas. Ao final de uma das aulas, uma dupla me procurou muito feliz para relatar como percebiam esse elemento nas músicas e como não “enxergavam” isso antes.

Na próxima atividade procurei enaltecer o sentido das letras e os rituais, a linguagem textual e a linguagem social. Apresentei um vídeo sobre partido alto (<https://www.youtube.com/watch?v=j7gG-onRK28>) e questionei: O que narram? Que tipo de gênero? Quais são os temas? Como uma roda de samba é organizada? Eles têm muita dificuldade para escutar as letras e mais ainda para entender do que tratam. Com isso, os alunos perceberam após algumas indagações da minha parte e da deles que o samba é uma crônica, um tipo de história que conta uma situação que aconteceu no dia a dia. E tem por finalidade manter, ensinar valores culturais, bem como protestar, denunciar as coisas que afligem aquele grupo social. Quanto ao ritual, os alunos relataram que são na maioria negros, homens e pobres, que nem todo mundo canta, estão numa roda, alguns tomam à frente para cantar um trecho inédito, improvisado e outro produz algo como uma resposta, enquanto outros ficam somente no refrão. Perceberam que a festa é aberta e qualquer um pode entrar. É regada a comida e bebida, e pode durar um dia inteiro. Ainda observaram que os passos daquele tipo de samba eram diferentes do que

¹ Figura musical que é característica da hibridização da música negra com a música branca. Ela está presente em todos os ritmos derivados da colonização como o Jazz. A presença da síncopa é uma marca da resistência da cultura negra.

observam normalmente. O que ficou claro é que todos não percebiam antes o caráter coletivo do processo e a diferença em relação ao modo de divulgação atual das músicas.

Ao relacionar aquela festa com as que participam, os alunos entenderam que aquela roda de samba (denominada samba de partido alto) serve para fortalecer o grupo de amigos, o entrosamento, tais como as deles. Nesse momento, retomaram a colaboração do Eril (funcionário), que contara sobre a prática de apreensão de instrumentos e repressão policial contra os integrantes de rodas de samba na periferia. Isso os mobilizou, pois se lembraram do que estudaram quanto à ditadura e das músicas de protesto. Disse-lhes que a arte é poderosa para fazer circular discursos para os outros mudarem de pensamento sobre as situações. Nesse ponto, a maioria passou a se interessar pelo curso devido aos pontos de identificação. Na segunda versão do curso, com a ampliação das práticas de música e dança, a vinculação com o curso foi imediata. Percebo isso, pois eles trazem constantemente colegas para participar das aulas e todos participam realmente.

Terminei a aula, solicitando que gravassem um samba da sua escolha e tentassem identificar as linguagens estudadas. Ressalto que para todas as atividades solicitadas no curso, produzi uma devolutiva a cada sujeito, bem como abri espaços nas aulas para que os autores as comentassem e usei as produções deles em vários momentos.

A segunda aula teve por tema: como surgiu o samba e qual a sua relação com a resistência da cultura negra no Brasil? Para isso, disponibilizei sobre a mesa do centro da roda frases musicais referentes ao modo de tocar os instrumentos ali colocados, para, em seguida, propor que tentassem acompanhar a música “fundo de quintal”, cantada por Beth Carvalho. A dissonância foi geral.

Em seguida, apresentei dois convidados especiais: uma professora da escola, que havia ministrado aulas para a maioria no 6º ano e seu marido. Ele é o primeiro mestre-sala da Mocidade Alegre, atual tricampeã do carnaval paulistano. Mediante trechos de diferentes gêneros de samba (pagode, gafieira e enredo), eles apresentaram os modos de sambar. Após algumas vivências, orientadas por eles, retomei a relação da sincopa com a linguagem corporal. Nesse momento, a professora relatou que sambar é um ato de liberdade, em que seu corpo se livra dos dissabores do dia a dia. Retomamos os aspectos sociais e religiosos da prática na discussão e vimos como a dança se faz com o corpo inteiro como forma de integração com a ancestralidade e com o cosmos e levantei questionamentos quanto a leitura sensual que se faz do sambar como algo produzido na

cultura ocidental. Para ampliar, após uma apresentação individual, o Mestre-sala explicou que o movimento das mãos que utiliza, assim como o fato de dançar em volta da Porta-bandeira estavam relacionados ao uso de uma navalha para impedir que membros de outras escolas roubassem a bandeira, prática comum no início da história dos desfiles das Escolas de Samba. Também ocorreu um intenso diálogo entre os alunos e os assistas acerca do trabalho, função desses personagens no desfile.

. Para encerrar a linguagem corporal, apresentei pequenos trechos de vídeos que mostravam algumas danças que ajudaram na construção do samba: a polca e o lundu. Nesse momento, os alunos e os assistas identificaram o processo de hibridização do samba, pois nem eles tinham total conhecimento do assunto,

Para a próxima aula, solicitei que assistissem em casa ao vídeo “Eternos errantes da cidade: infância, minoridade e pobreza na cidade do Rio de Janeiro na década de 1920”, disponível no *youtube*.

Iniciei a terceira aula, retomando os conceitos discutidos nas aulas anteriores. Destaco que boa parte lembrou-se de várias linguagens, de passagens dos vídeos, dos relatos dos assistas e os do Eril. Em seguida, organizamos um colóquio, no qual a discussão central foi a condição das alterações sociais e políticas da capital do Brasil, na época o Rio de Janeiro, relatada no vídeo. A intenção era compreender as contingências da construção do samba, bem como das representações acerca do negro. Apesar da dificuldade da maioria, boa parte identificou alguns aspectos históricos já estudados como o imperialismo britânico, higienismo, eugenia, república, modernidade e outros.

Os alunos enfatizaram que as reformas do RJ para limpeza social e a construção de edificações e ruas modernas, promoveram a miséria, desigualdade social, o afastamento da população pobre do centro da cidade e a vivência dos que não se afastaram em condições precárias em cortiços (no caso de São Paulo) e morros (no caso do Rio de Janeiro) e as várias revoltas sociais. Com isso, foi possível reforçar a linguagem textual e social do samba. Nesse momento, fiz o levantamento da origem de cada um dos presentes. Enquanto uma disse que tinha origem africana e o outro disse que não sabia, a maioria é descendente de portugueses, alguns italianos, uma francesa. Indiquei que enquanto os pobres eram afastados dos grandes centros, os imigrantes que chegavam por aqui, vinham de condições sociais precárias e tiveram incentivos do governo para que se estabelecessem no Brasil e ajudassem a construir um padrão branco (que vai dar origem a classe média). Ninguém sabia do tema e alguns manifestaram repúdio ao subsídio do governo para embranquecimento da população em contra

posição aos que foi feito para com os ex-escravos, que foram largados sem trabalho, escola, moradia, na miséria total.

A seguir, apresentei a música Saudosa Maloca, de Adoniram Barbosa para facilitar a compreensão da linguagem textual e proporcionar a relação da letra da música com o contexto de urbanização. Do mesmo modo, a atividade contribuiu para que os alunos percebessem como o samba surgiu sob a influência desse contexto. Assim como em aula anterior, a aproximação com as questões sociais atuais e as de opressão que vivem enquanto jovens ou sujeitos de classe abastada permitiu o avanço na compreensão acerca das questões da identidade e da resistência, assim como a noção de híbrido foi se consolidando.

Essas discussões trouxeram a tona de modo bem visível os preconceitos contra o negro. Acirraram-se os ânimos com debates sobre cotas, o emprego doméstico, o rolezinho e outras práticas corporais de origem negra como o funk e o hip hop.

Em um dos cursos, usei duas versões de uma mesma notícia escritas de forma antagônicas sobre isolamento das favelas com paredes verdes; no outro usei um *twitter* que veicula preconceitos contra as empregadas domésticas.

Nessa direção, a quarta e última aula do segundo curso começou sem o cenário característico e o ritual do samba. Iniciei com a exposição do filme “Vista a minha pele”, no qual a situação de raça é invertida. Permeado por situações comumente vividas pelos negros na sociedade, na história os brancos são minoria e os negros compõem a classe média alta da sociedade. O filme causou estranhamentos e sensibilizações. Após a manifestação pessoal e espontânea de boa parte da sala, desenhei um boneco na lousa e disse que era um sujeito negro. Solicitei que dissessem como o sujeito negro é discursado na sociedade. Após alguns instantes de silêncio, um aluno questionou se era o que eles pensavam ou a sociedade em geral. Respondi que era a segunda alternativa. Mesmo resabiados, os jovens começaram a manifestar características como vagabundo, macaco, ladrão, macumbeiro e outras. Afirmei que aquilo eram representações criadas sobre o negro pela cultura branca. Perguntei se após as aulas eles conseguiam identificar os motivos que levaram a essa construção do Outro. Alguns alunos retomaram as relações sociais e religiosas que foram debatidas. Retomei a palavra e pedi que olhassem para dentro de si mesmos e verificassem quais são as “etiquetas” que costumam colocar no Outro e depois tentassem analisar como elas foram construídas.

Encaminhando para o final do curso, propus a construção de um mapa conceitual coletivo. Nessa atividade, coloco uma série de palavras no chão e solicito que os alunos escolham uma e, mediante justificativa e debate com os demais colegas, coloque-a no quadro. O aluno seguinte, além de fazer a mesma coisa, deve articular sua escolha com a do anterior e assim sucessivamente. Trata-se de uma atividade de muito dissenso e que necessita a mobilização de conhecimentos para a atuação. Além de servir como atividade de sistematização, ela ajuda o docente a avaliar o percurso. Posso dizer que se trata do momento mais interessante e efervescente do curso.

Algumas considerações

- 1) O curso traz pistas para novas formas de gestão da aula. Os alunos de modo espontâneo não usam cadernos, mas usam o celular para fazer anotações, fotografias, gravações. Trazem suas tarefas gravadas no computador. Não tinham o uso de *email* por hábito, mas isso facilitou o envio das tarefas (pois eles comumente as esquecem para a data marcada) e dos comentários da professora, atendimento individualizado e afetuoso a cada um.
- 2) A relação com os alunos (alguns já conhecidos) tornou-se mais íntima, afetiva e menos formal, ultrapassando as formalidades escolares. Conheci e percebi as necessidades pessoais de vários deles naqueles momentos. Os textos são mais pessoais, e eles se posicionam perante suas vidas.
- 3) A participação do funcionário traz um reposicionamento das relações de poder durante as aulas, é um testemunho autêntico e ressaltados pelos alunos, bem como traz a oportunidade de expressar o seu saber perante os estudantes, dando outro argumento de autoridade.
- 4) No relatório final do curso tenho percebido grandes transformações nas reflexões dos estudantes quanto ao seu posicionamento perante o Outro e perante os discursos dos quais participa nas redes sociais e até mesmo perante sua resistência ao samba.
- 5) Pedem para fazer o curso novamente
- 6) Há grande mudança nas relações de poder, principalmente dos bolsistas perante os demais. Estes assumem sua cultura de origem racial e identidade ao longo do curso.